OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 388

1 DE OUTUBRO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

SUA ALTEZA O SENHOR INFANTE D. AUGUSTO, DUQUE DE COIMBRA E DE SAXE — FALLECIDO EM 26 DE SETEMBRO DE 1889

(Segundo uma photographia de Fillon)

CHRONICA OCCIDENTAL

Está de lucto a familia real portugueza e a corte pela morte de sua alteza o sr. Infante D. Augusto, irmão d'El-Rei, e apesar de, segundo a pragmatica official só a morte do rei, rainha ou pessoa reinante decretar lucto nacional, pode-se dizer que a nação portugueza está de lucto pela morte do Infante.

E está de lucto porque as qualidades pessoaes do infante fallecido, a modestia com que vivia, o grande bom senso com que encarava a sua posição social e com que n'ella sempre se mantera tinham-lhe captado geraes sympathias em todo o paiz, a estima de toda a gente.

Nascido nos degraus d'um throno, o infante D. Augusto nunca teve ambições de subir a elle, ambições que são tão vulgares em filhos segundos de reinantes, nunca teve sequer a pretensão de se envolver no governo do paiz, de influenciar na administração publica, e conservando-se sempre afastado da politica, alheio a todas as intrigas, a todas as aventuras politicas e palacianas, sua alteza viveu modestamente como qualquer particular, retirado em casa, semeando em torno de si o bem, dando avultadas esmolas a centenares de pobres que viviam sómente da sua caridade e generosidade, caridade e generosidade de que não fazia ostentação, que muita gente ignorava, que não andava *reclamada* pelos periodicos e gazetas.

Sua Magestade El Rei confiara-lhe um alto cargo no exercito, e D. Augusto desempenhava-o honradamente, zelosamente, com toda a dedicação e pontualidade, muito mais como um militar do que como um principe.

E principe de sangue, irmão do Rei, D. Augusto em ninguem fazia pezar a sua alta gerarchia e pelo contrario não se limitava a ser affavel e lhano para toda a gente, chegava mesmo a ser timido.

Viveu quarenta e dois annos menos mez e meio e n'esses quarenta e dois annos nunca deu que fallar de si tão modesto e retirado era o seu viver.

D. Augusto nasceu aos 4 de novembro de 1847 no Paço das Necessidades onde sempre viveu e onde agora exhalou o ultimo suspiro, e foi baptisado na capella do Palacio, n'essa mesma capella onde agora esteve exposto durante tres dias, embalsamado, dentro do seu caixão, vestindo a sua farda de general.

D'ahi a 14 annos, em 1861 quando a morte entrou sinistramente no paço dos reis de Portugal e levou em breves dias o rei D. Pedro V, e dois dos seus irmãos, os infantes D. João e D. Fernando, o infante D. Augusto foi tambem atacado do mesmo mal e esteve muito tempo entre a vida e a morte.

Felizmente a sciencia venceu a doença e D. Augusto escapou, mas a enfermidade fôra tão grave que deixara vestigios que nunca mais desappareceram.

Morto D. Pedro V, e succedendo-lhe na corôa seu irmão mais velho D. Luiz, em quanto este não teve filhos ficou sendo principe herdeiro o sr. D. Augusto, o unico filho varão que conjuntamente com el rei D. Luiz restavam, alem das duas princezas, dos sete filhos que tivera a Sr.ª D. Maria II, e na qualidade de principe herdeiro foi elevada a dotação de D. Augusto, dotação que ficou recebendo até agora.

Essa dotação junta aos bens que herdou de sua mãe e que eram importantes, constituiu-lhe logo um bonito capital que foi engrossando successivamente com a accumulação dos juros, pois sua alteza foi sempre um bello administrador de sua casa, vivendo bem mas modestamente sem ser mesquinho, dando avultadas esmolas e não extravagaciando nem um real dos seus haveres.

Mercê d'essa vida tão singular e tão ajuisada o sr. D. Augusto deixa agora uma importante herança accrescida ainda pela parte que lhe cabe no inventario de seu pae, e de que ainda não estava de posse.

Dizia-se muitas vezes, em vida do infante, que a sua fortuna seria quasi na totalidade para seu sobrinho D. Affonso por quem elle tinha particular estima; parece que D. Augusto disse por vezes a alguns dos seus intimos que fazia testamento n'esse sentido, mas não o fez, ou pelo menos até agora esse testamento ainda não appareceu e os seus bens serão portanto divididos pelos seus irmãos El-Rei D. Luiz e a princeza D. Antonia, e pelos filhos da sua fallecida irmã, a princeza D. Marianna.

D. Augusto viveu sempre na companhia de seu pae por quem era extremosissimo e um dos grandes desgostos que o acompanhou até ao fim da vida, foi o estar ausente quando El-Rei D. Fernando falleceu, e não lhe ter assistido aos ultimos momentos.

D. Augusto como todas as pessoas boas era muito estremoso por todos os seus.

Quando morreu D. Pedro V e os infantes D. João e D. Fernando, D. Augusto já então gravemente enfermo não soube da morte de seus irmãos e só passados mezes é que lhe deram a triste noticia que lhe produziu profundo abalo.

Foi por essa occasião que El Rei D. Luiz, sabendo a predilecção especial que seu irmão tinha pelas cousas militares, o promoveu de tenente de infanteria 10 a capitão de lanceiros da rainha, o regimento de que fora coronel o infante D. João. E n'esse regimento se conservou sempre D. Augusto até sahir general, estimado pela officialidade de toda que lhe queria como ao melhor e mais dedicado dos companheiros, officialidade que ainda agora velou tres noutes junto do seu cadaver, sincera e profundamente commovida.

Em 1871 quando houve uma revolta militar na India, o infante D. Augusto, então já general de brigada offereceu-se para ir ahi, e foi e fez excellente serviço como consta dos registos officiaes.

Ha cois de um anno sua alteza teve uma doença grave que poz em risco a sua vida.

Melhorou mas nunca ficou de todo bom.

A sua doença era uma d'essas doenças terriveis para que a sciencia ainda não descobriu remedio — a lesão de coração, do primeiro ataque sahira ainda victorioso, mas dos outros?

Tempos depois veio segundo ataque, e o illustre enfermo triumphou ainda d'elle, mas os medicos que o trataram não se illudiram de forma alguma com as melhoras do doente, e viram que a doença teria por força um desenlace fatal e um desenlace que não se demoraria muito.

E effectivamente esse desenlace não se demorou. Sua alteza estava em Cintra passando o verão e o seu estado era o mais satisfatorio que podia ser dada a terrivel doença que o minava, quando no sabbado 21 de setembro ás 4 horas e meia da tarde se sentiu incommodado.

Os medicos que o viram aconselharam-n'o a seguir immediatamente para Lisboa, o que sua alteza fez, chegando á noite ao Paço das Necessidades, doente sim, mas sem que se podesse attribuir grande gravidade a essa doença.

Entretanto os seus medicos ordinarios os srs. Dr. Ravara, assistente e Barros da Fonseca, que sabiam a doença com que tinham a luctar, atacaram-n'a logo energicamente.

De nada serviu isso porém: o infeliz principe tinha os seus dias contados e apezar de todos os cuidados dos illustres medicos que o rodeavam, a doença caminhava, veio o vomito de sangue e o estado de sua alteza foi logo considerado gravissimo pelos seus assistentes e pelo sr. dr. Sousa Martins que foi chamado logo para ver o enfermo. Na quinta feira 26 ás 4 horas e meia da tarde o infante D. Augusto exhalou o ultimo suspiro tendo ao seu lado sua cunhada S. M. a Rainha, que foi para com elle da dedicação extremosissima de uma boa irmã, seu sobrinho o infante D. Affonso Henriques, a quem sua alteza era muito affeiçoado, o seu medico assistente o illustre clinico sr. Dr. Arthur Ravara, que nem um momento desamparou a cabeceira do enfermo, e que lhe applicou cuidadosamente todos os recursos que a sciencia aconselha.

O sr. infante D. Augusto falleceu ás 4 horas e meia da manha, mas desde a 1 hora e meia que estava em estado commatoso, sem consciencia do seu estado portanto, tendo apenas essa vida automatica que é o apagar-se da luz que já não tem forças para alumiar.

Quando o enfermo estava n'este estado perfeitamente desesperado, que antecede a inevitavel morte, foi-lhe ministrada a extrema uncção pelo capellão de lanceiros 2, que fazia as vezes do capellão da casa, ausente por doença.

Sua Majestade a Rainha assistiu de joelhos a esta piedosa cerimonia e quando o enfermo exhalou o ultimo suspiro, abraçou-se, chorando, a seu filho o infante D. Affonso.

Momentos depois do doente fallecer entraram no quarto os srs. drs. Sousa Martins e Barros da Fonseca.

Apenas sua alteza expirou foi logo armado no seu quarto um altar onde o capellão resou uma missa de corpo presente, missa a que assistiram Sua Majestade a Rainha, o sr. infante D. Affonso, a sr.ª marqueza do Funchal, duque de Loulé, conde de Mossamedes e todo o pessoal da casa do infante.

Finda a missa Sua Majestade retirou-se com seu filho, depois de terem agradecido, banhados em lagrimas, a todas as pessoas que tinham tratado de seu cunhado e tio o carinho e dedicação extrema que lhe tinham dispensado, e este agradecimento era justissimo porque D. Augusto foi tratado por todos os seus serviçaes, que o adoravam, com uns extremos de carinho que não são muito vulgares encontrar nos paços dos reis.

Quando sahiu das Necessidades, a rainha encontrou-se com a sr.ª condessa d'Edla, a madrasta do principe fallecido. A sr.ª condessa beijou a mão á rainha, mas Sua Majestade beijou-a na face, abraçou-a, e abraçadas estiveram um longo momento, chorando silenciosamente.

El-Rei, que está em Cascaes, não soube da gravidade da doença de seu irmão, e mesmo soube apenas da sua morte tres dias depois, porque a rainha não quiz dar lhe a noticia senão depois de muito cuidadosamente o preparar para a receber, temendo que o desgosto profundissimo que essa morte lhe havia de causar, fosse prejudicial á sua saude melindrosamente affectada.

Foi só no domingo que El-Rei D. Luiz soube a triste nova; o abalo moral foi enorme, mas felizmente não se resentiu d'elle o seu estado physico. Depois da morte do infante seguiram-se as praxes habituaes que em semelhantes casos manda a pragmatica.

Sua alteza foi embalsamado e esteve exposto no publico na capella das Necessidades durante todo o dia de segunda feira e na terça até ás 9 horas da manhã, isto é uma hora antes da sahida do enterro.

O enterro do infante D. Augusto foi concorridissimo e as ruas por onde elle passou estavam apinhadas de gente.

O programma do enterro foi feito segundo as formulas já conhecidas d'outros enterros identicos e a organisação do prestito era a seguinte.

Um esquadrão de lanceiros abrindo a marcha.

Carruagens com os ministros, altos funccionarios, deputados, pares, membros da corte, jornalistas, pares, militares, particulares, carruagens que orçavam por umas 150.

A seguir tres porteiros da canna e 4 creados da casa real, todos a cavallo, e os coches em numero de nove, levando o 1.º o porteiro e guarda roupa da real camara; o 2.º os ajudantes de campo do finado; o 3.º Sua Alteza Real o principe D. Carlos e o infante D. Affonso; o 4.º os officiaes mores da casa real; o 5.º o capellão e o seu acolyto; o 6.º o mordomo-mór da casa real e o camarista de Sua Alteza; o 7.º, tirado a quatro parelhas, um cocheiro e dois sotas e ladeado por 12 creados da casa real, com a corôa real coberta de crepe, o 8.º coche de respeito todo coberto de negro; o 9.º o coche funebre conduzindo o feretro ladeado por 20 creados da casa real.

Este coche ia coberto de corôas algumas formosissimas como a de El-Rei e da Rainha, corôa de flores naturaes, rosas chá, lilazes brancos, amores perfeitos; a do infante D. Affonso de cravos brancos coberta de crepe; a dos duques de Bragança, de dhalias e lilazes brancos, madresilvas e lyrios; e a da sr.ª infanta D. Antonia de lilazes, rosas chá e lyrios; e a da sr.ª condessa d'Edla toda de violetas, margaridas e flores silvestres.

Eram emensas as corôas, e alem das que já citamos figuravam sobre o caixão corôas com dedicatorias enviadas pelo Duque d'Orleans pelo Dr. Antonio de Lencastre, pela Associação de Soccorros Mutuos de S. Pedro de Cintra, pelos creados do infante, pelo seu mestre Antonio Herman Roeder, pelo seu creado particular Caetano Manuel de Sousa, pela irmã collaça de Sua Alteza, pelos officiaes de cavallaria n.º 2, pelos officiaes da inspecção de cavallaria, pelos seus ajudantes de campo, pela Associação Industrial Portugueza, etc. Ao lado do feretro seguiam a cavallo o estribeiro mór da casa real, o commandante da guarda real, a casa militar de El-rei e a do Infante fallecido.

Atraz do coche caminhava a guarda real dos archeiros, e em seguida o general de devisão com o seu estado maior, os Bombeiros Voluntarios da Ajuda, a Associação de Soccorros Mutuos de Cintra, e toda a tropa de guarnição que formava alas nas ruas do prestito e que se ia encorporando no cortejo á proporção que elle passava.

O prestito sahiu das Necessidades ás 10 horas e 20 minutos, e chegou a S. Vicente á 1 hora em ponto. Ahi no templo, ricamente ornamentado para este fim, realisaram se as cerimonias do costume começando a missa de corpo presente dita pelo Dião perto das 2 horas.

Depois o sr. Cardeal Patriarcha lançou as absolvições ao cadaver que lhe foi entregue lavrando-se o competente auto em duplicado, e sendo depois transportado o caixão para o pantheon dos Reis de Portugal, onde ficou collocado entre os caixões de seus irmãos D. Fernando e D. João e o da Imperatriz D. Amelia.

N'esse momento a artilheria salvou e os corpos de infanteria e caçadores deram as descargas do estylo.

E o infante D. Augusto lá ficou dormindo o ultimo somno ao lado de seus queridos irmãos,

que ha 28 annos esteve por um triz a acompanhar na sua lugubre viagem!

A morte do sr. infante D. Augusto foi extraordinariamente sentida em Lisboa, muito mais do que era de esperar, pois o fallecido principe não occupava um logar muito proeminente, afora a sua gerarchia social de irmão d'El-Rei, nem gosava de uma popularidade que se visse, mas de facto tinha essa popularidade, testemunha-o as lagrimas vertidas que no dia do seu enterro vimos em muitos olhos, a tristeza o enternecimento que se lia nos rosto de muitos que o acompanhavam á sua ultima morada, de muitos que assistiram á passagem do lugubre cortejo. E essa popularidade tinha-a unicamente porque era bom, porque durante os seus 42 annos de vida nunca fez mal a ninguem e fez bem a muita gente e felizes d'aquelles de quem se póde gravar este elogio funebre!

Que descanse em paz o bondoso e estimado principe. Honra á sua memoria honrada!

Gervasio Lobato.

SUA ALTEZA
O SENHOR INFANTE D. AUGUSTO

Vão decorridos quasi quarenta annos que no paço das Necessidades vivia a rainha Senhora D. Maria II rodeada de sete filhos, o mais velho dos quaes, o principe D. Pedro, depois rei D. Pedro V, ainda não completara dezoito annos de idade.

Aquella progenie de pequenos principes e princezas faziam a alegria e orgulho de sua estremecida mãe, que se desvelava em lhes dar uma educação sadia e esmerada, sob os principios mais liberaes, ensinando lhes a amar o povo que tanto se enlevava n'aquellas pequenas cabeças louras quando alegremente passeavam de carruagem com sua augusta mãe, por essa Lisboa.

Em tardes de verão era frequente vêr a rainha com seus filhos, no antigo passeio Publico, onde muitas vezes, outras crianças tão infantis como os pequenos principes, d'elles se acercavam com fraternaes beijos innocentes, a que a rainha, mui lhana e bondosamente, os deixava corresponder com visivel satisfação.

Em um d'estes passeios, um pobre velho mendigo aproximou-se do Infante D. Luiz para lhe beijar a mão, e o infantil principe recuou aterrado do velho andrajoso que lhe mettia medo. D. Maria II que observou o caso reprehendeu o pequeno infante por aquella repulsão e fel-o aproximar-se do pobre dando-lhe uma esmola.

Ia n'isto uma lição moral, como muitas outras que a grande educadora ministrava a seus filhos.

Foi assim que a intelligente rainha educou uma familia de principes estimaveis e estimados, que deram depois um D. Pedro V, que o povo ainda hoje recorda com saudade, um D. Luiz I a quem a nação toda tributa o mais respeitoso affecto, os infantes D. Fernando e D. João cuja morte prematura occorrida ao mesmo tempo que a de El-Rei D. Pedro V ia fazendo soblevar o paiz, que não se resignava a tão grandes perdas, e o infeliz infante D. Augusto que acaba de baixar ao tumulo, no meio do sentimento geral da nação que o estimava pelas suas excellentes qualidades pessoaes, que naturalmente se impunham ao respeito de todos.

Sua alteza o senhor Infante D. Augusto Maria Fernando Carlos Miguel Raphael Agricola Francisco d'Assis Pedro de Alcantara Loyola de Bragança Bourbon Saxe-Coburgo-Gotta, Infante de Portugal, duque de Coimbra e de Saxe, par do reino, general de divisão e inspector da arma de cavallaria, filho da rainha D. Maria II e de El-Rei D. Fernando II, nasceu no paço das Necessidades a 4 de novembro de 1847.

Contava quatorze annos, em 1861, quando uma terrivel doença o accometteu ao mesmo tempo que a seus tres irmãos El-Rei D. Pedro V e infantes D. João e D. Fernando, que foram victimas, mas de que elle se salvou milagrosamente a troco da saude que lhe ficou prejudicada, permettindo-lhe apenas uma vida doentia e triste que mal lhe deixou gozar as alegrias da mocidade.

Apesar d'esta existencia mais ou menos enferma, o joven infante continuou os seus estudos militares, dedicando-se especialmente á arma de cavallaria, estudos que nunca abandonou e que ainda nos ultimos tempos lhe absorviam o melhor de suas attenções, pondo-se ao corrente de todas as innovações e progressos d'esta arma no estrangeiro.

Tendo sentado praça em caçadores, em 1855 com o posto honorario de alferes, passou em 1862 para a arma de cavallaria, no posto de capitão preenchendo o logar que o infante D. João deixara vago no regimento de lanceiros.

Extremamente dedicado á sua arma, o infante D. Augusto conhecia perfeitamente a arte militar e era um dos primeiros mantenedores da desciplina principiando por si proprio.

Nem outra cousa ia bem ao seu espirito de ordem e profundamente sensato.

O senhor infante D. Augusto desempenhou as funcções de Condestavel, cargo hoje puramente honorario, mas que na idade media teve a mais alta importancia como os de condes palatinos, senescal, marechal etc. e que em Portugal principiou por ser dado a D. Alvaro Pires de Castro, conde de Arroiolos e senhor do Cadaval irmão da rainha D. Ignez de Castro. Por morte d'este fidalgo passou o officio de Condestavel para D. Nuno Alvares Pereira por mercê de D. João I, e aquelle valoroso guerreiro illustrou de tal modo este honroso cargo, que ficou conhecido na historia pelo *Condestavel*.

Este cargo era o posto mais superior do exercito e o proprio rei lhe prestava venia em suas deliberacões militares.

Nos nossos tempos o cargo de condestavel tem sido desempenhado pelo infante mais velho da familia real, limitando-se a uma simples formalidade da côrte em certos actos.

Na abertura do parlamento costuma comparecer o Condestavel, á direita do rei nos degraus do throno em uniforme de cavallaria e empunhando a espada desembainhada em continencia em quanto dura aquella ceremonia.

Algumas vezes ali vimos o senhor Infante D. Augusto n'aquelle posto honroso, no lado do monarcha seu irmão que elle acatava com o mais profundo respeito.

Filho de reis e por algum tempo considerado successor do throno, quando a morte arrebatou seus tres irmãos, e emquanto El-Rei D. Luiz não teve succesão, nem porisso impoz nunca a sua personalidade na politica do seu paiz, e antes se conservou sobriamente afastado d'ella, sem que tolhesse ou fizesse o mais ligeiro estorvo á marcha da publica administração.

Dizia elle nas suas conversas mais intimas:

—Tenho sido tão feliz, que até quando a morte levou os meus tres queridos irmãos poupou a meu irmão Luiz para que elle fosse o rei, livrando-me a mim de tão pesado encargo.

Não se pense por isto que D. Augusto fosse um egoista, que pozesse o seu bem estar acima de tudo, porque mesmo com a pouca saude que tinha, acceitou sempre com agrado as commissões que o governo lhe confiou, e desempenhou-as com verdadeira dedicação e proveito para a patria.

A primeira d'essas commissões foi a de ir á India com o governador d'aquelle Estado o general Joaquim José de Macedo e Couto, pacificar uma revolta que ali se tinha dado em virtude de uma reforma militar no exercito.

Foi cheio de enthusiasmo que o bom infante recebeu esta nomeação, que lhe dava ensejo de prestar serviço ao seu paiz.

Partiu para a India em 12 de novembro de 1871, tendo já o posto de general de brigada, e a sua presença entre aquelles povos e a sua prudencia, influiram decisivamente na pacificação do paiz e no cumprimento das ordens do governo portuguez.

O povo da India Portugueza recebeu effectuosamente o infante de Portugal, e por toda a parte que sua alteza andou lhe foram tributadas demonstrações de respeito e affecto inexcediveis.

Depois de ali ter estado tres mezes e meio e quando o paiz estava completamente tranquillo, regressou a Portugal no transporte *India* que chegou a Lisboa em 1 de maio de 1872.

O Senhor D. Augusto tinha desempenhado esta espinhosa commissão com grande proveito para a patria, o que officialmente lhe foi communicado.

Em 1884 foi-lhe confiado o commando interino da brigada de cavallaria de instrucção e manobra, e logo depois a inspeção geral da mesma arma.

Este novo cargo mereceu-lhe tambem toda a sua dedicação, e apezar da fraqueza da sua saude ninguem era mais pontual que elle no cumprimento dos deveres inherentes áquelle serviço, sahindo por vezes fóra da capital a visitar os corpos de cavallaria da provincia e assistindo ás manobras e exercicios do outono.

Em um d'esses exercicios do outono de 1887, no Sobral de Monte-Agraço, aconteceu desencadear-se grande temporal e a chuva alagar os campos torrencialmente. D. Augusto assistiu a todas as manobras e só retirou com as forças que ali tinham ido, não se importando com o damno que isso podia causar á sua debil saude, e tendo só em vista a disciplina militar.

Em principios do anno passado, ainda foi a Berlim representar o rei de Portugal nas exequias do imperador Guilherme, não se escusando aos incommodos de uma viagem longa, nem ao clima do paiz que ia visitar onde a sua saude, cada vez mais abalada, podia soffrer grave risco.

Foi já muito doente, em fins do anno passado que acceitou a presidencia do jury da Exposição Industrial Portugueza para que foi eleito, e acceitou este cargo com o mesmo prazer com que seguira e apreciara aquelle certamen nacional, sendo um dos visitantes mais assiduos da exposição, passando ali muitos dias a analysar os productos expostos.

Não poude infelizmente acompanhar por completo todos os trabalhos do jury, porque a doença o impossibilitou no meio d'esses trabalhos, e foi essa doença, que depois de umas melhoras de alguns mezes, o prostrou agora no leito da morte.

Hoje o sentimento pela sua morte é geral no paiz, porque eram geralmente conhecidas as excellentes qualidades d'este bondoso principe, e muitos pranteam a falta de um bemfeitor, porque recebiam d'elle sem alarde nem philantropia o obolo da caridade christã de que nos falla o evangelho.

É que o infante D. Augusto além da realeza da terra tinha a realeza do ceu—era um justo!

C. Alberto.

APONTAMENTOS SOBRE A MARINHA DE GUERRA DOS DIVERSOS PAIZES

(Continuado do n.º 385)

MARINHA FRANCEZA

Continuamos hoje dando aos nossos leitores as breves noções sobre marinha de guerra que lhes promettemos, e como a franceza ainda nos offerece assumpto bastante, vamos aproveital-o não só para cumprimento da nossa promessa como tambem por entendermos conveniente pôr bem em evidencia a sua força e o seu valor n'um tempo em que todos se armam e preparam não sabendo se para futuras lutas, se, por receiosos uns dos outros, mostrarem primeiro os elementos de defeza e ataque de que dispõem, afim de pelo temor evitarem consequencias em que bem se podessem mostrar os progressos feitos na arte da guerra, mas com que a humanidade muito teria a lamentar.

Retrogradando pois um pouco e fallando da guerra da Crimea vêmos que n'aquella campanha o melhor navio que a França apresentou foi a nau *Napoleão* e ahi houve occasião de vêr por parte das esquadras combinadas da França e Inglaterra o pouco resultado que tiraram dos seus ataques contra as fortalezas Russas.

Esta deficiencia provada dos navios sem couraça levaram Napoleão á tentativa de couraçar os seus navios o que levou á realidade.

Depois de muitos estudos em que foram consultadas todas as sumidades de engenharia tanto de terra como de mar, foi resolvida a construcção do *Tonante*, *Devastation* e outros, navios estes cujos desenhos e planos foram remettidos para a Inglaterra afim de serem construidos por conta do governo inglez outros eguaes.

A rivalidade entre as marinhas dos dois paizes, que já então era bem evidente (ainda mais motivada porque n'esta campanha os melhores navios que se apresentaram foram os francezes) fez com que mais uma vez se demonstrasse o orgulho inglez, e por isso menos prezaram os planos francezes, e depois de construirem, modificarem, e tornarem a desmanchar, acabaram por obter um couraçado a *Warrior* e mais tarde a *Black Price*, ainda assim de uma inferioridade reconhecida.

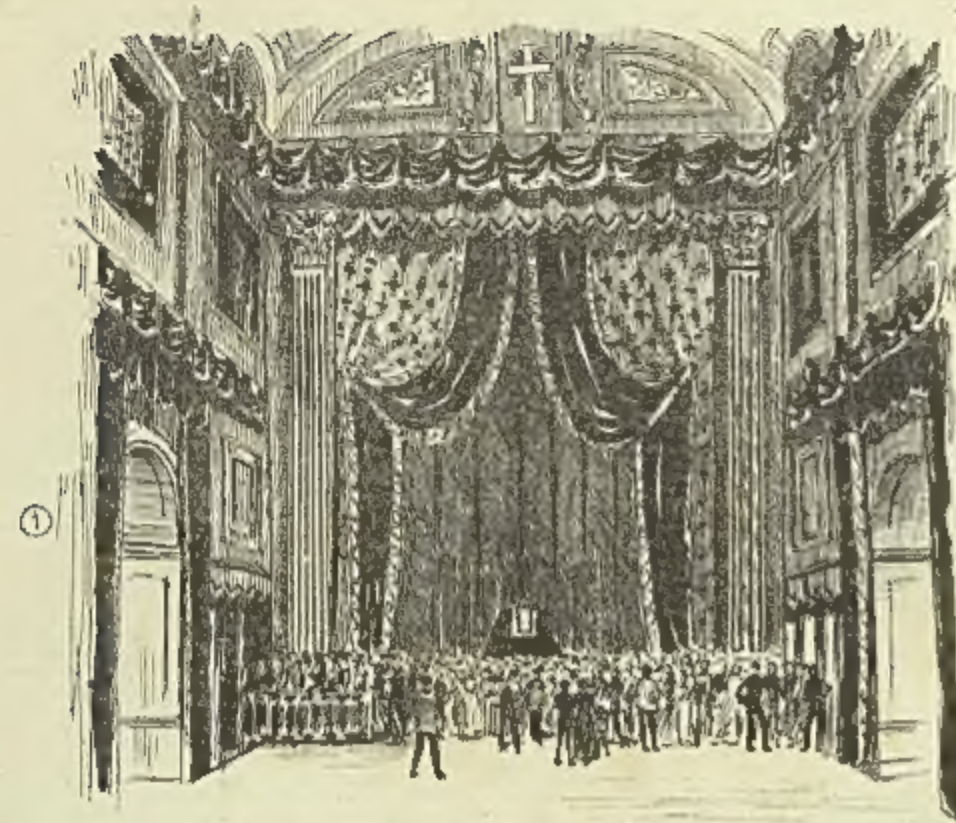
A esse tempo já a França tinha construido a *Gloire* (primeira fragata couraçada) em seguida a *La Normandie* e *Invencible* e em 1859 estava começada a construção dos magnificos couraçados *Solferino* e *Mageuta* que já aqui vimos no nosso Tejo.

Após esses construiu a França os seguintes couraçados mais *Reine Blanche*, *Armide*, *Jeanne d'Arc*, *Surveillante*, *Revanche*, *Thetis* e outros mais.

Pouco tempo depois conheceu a França a insuficiencia da construcção d'estes e mandou construir o *Trident*, *Richelieu*, *Friedeland*, *Colbert* «*Turenne*» «*Marengo*» etc., já muito mais aperfeiçoados e de maior força porquanto que sendo os que acima apontamos de 3:000 toneladas pouco mais, estes que acabamos de nomear eram da lotação de 7 a 8:000 toneladas.

Mais tarde inaugurou-se por assim dizer uma nova epocha para os couraçados. Começou ella com a construcção de navios todos de aço, em substituição dos de madeira forrados de couraça. Foi o primeiro o «*Redutable*» e logo a seguir em 1879 o «*Duperré*» sendo o primeiro de 9030 toneladas, e o segundo de 10480.

Ao passo que a marinha franceza progredia assim

FUNERAL DE SUA ALTEZA O SENHOR INFANTE D. AUGUSTO

1 Exposição do feretro na Capella das Necessidades. — 2 Passagem do cortejo funebre na Praça do Commercio. — 3 Capella e palacio das Necessidades, onde Sua Alteza nasceu e falleceu. — 4 Um Porteiro da Canna. — 5 A Egreja de S. Vicente, Panthenn Real

(Desenhos do natural por L. Freire)

a Inglaterra ia conservando os seus primeiros couraçados, podendo considerar-se já velhos e inuteis emquanto que a França a outros do mesmo tempo mandava inutilisar por incapazes, não porque o estivessem realmente, mas sim para se precaverem com navios novos dando ao mesmo tempo occasião para nas novas construcções se aproveitarem os ultimos melhoramentos conhecidos.

Por o que deixamos dito facilmente se nota que a França tem caminhado sempre na vanguarda dos progressos maritimos, emquanto que a Inglaterra tem ficado muito aquem d'estes melhoramentos.

Actualmente tem a França os seguintes couraçados de primeira classe que reunem em si tudo o que a sciencia tem inventado para taes aperfeiçoamentos.

Para comparação damos tambem uma tabella dos melhores couraçados inglezes (que a Inglaterra considera como melhores).

COURAÇADOS FRANCEZES		COURAÇADOS INGLEZES	
NOMES	TONELADAS	NOMES	TONELADAS
Amiral Baudin.	11:200	Trafalgar......	11:940
Formidable....	11:200	Inflexible......	11:880
Amiral Duperré	10:486	Camperdown..	10:000
Hoche	10:480	Anson........	10:000
Magenta	10:480	Nile...........	11:940
Marceau......	10:480	Benbow	10:000
Neptune.......	10:480	Colossus.......	9:150
Dévastation. ..	10:000	Edinborgh.....	9:150
Courbet.......	9:039	Collingwood...	9:150
Redoutable....	9:030	Rodney	9:500
Caiman	7:230	Home.........	9:700
Indomptable...	7:184	Ajax	8:510
Requim.......	7:184	Agamemnon...	8:510
Terrible.......	7:184	Temeraire.....	8:540
Furieux.......	5:700		
Vauban	5:780		
Duguesclin ...	5:700		
Fulminant	5:500		
Total...	154:937	Total...	138:170

Alem d'estes que deixamos apontados tem a França mais 10 monitores couraçados de 3:600 a 6:000 toneladas, 16 fragatas de madeira, 35 cruzadores de 1.ª classe e 15 de 2.ª, 8 magnificos torpedeiros do mesmo typo do *Milau* de 1600 toneladas, e que deitam 17 milhas por hora.

8 avisos torpedeiros de 600 toneladas, e 80 canhoneiras pouco mais ou menos a helice e a rodas. 32 transportes de 1:500 a 6:000 toneladas, entre estes os grandes transportes destinados a levarem as tropas para as suas colonias, e uns 200 torpedeiros de differentes typos, o que prefaz um total de 300 navios de guerra de 1.ª classe.

Para que possamos avaliar um pouco o impulso que a França tem dado á sua marinha diremos simplesmente que desde 1880 tem a França construido 150 navios de guerra, entre elles o aviso torpedeiro *Condor* que é notavel pelo seu muito andamento, e que a Inglaterra tem querido obter em eguaes condições e o não tem conseguido.

N'um caso de guerra naval pode ainda a França dispor dos grandes vapores das Companhias Messageries Maritimes e General Transantlantique, que podem servir de transportes e cruzadores, e que são mais de 150 vasos alguns dos quaes com andamento superior a 20 milhas por hora.

Alguns dos couraçados são tripulados por 800 homens e mais, e para isso tem a marinha franceza 40:000 homens, contendo 1600 officiaes em effectividade. Tem 6 navios escolas, a «*La Borda*» *Austerlitz*, a fragata «*Iphigenie*» e mais tres brigues.

A artilheria mais forte franceza é de 78 toneladas.

Dispõe de cinco portos militares importantes; são Cherbourg, Brest, Lorient, Rochefort e Toulon, alem d'isso em todos os portos que a isso se proporcionam se construem navios tanto de guerra como mercantes.

Tendo exposto brevemente o estado prospero da marinha franceza crêmos ter demonstrado a superioridade d'esta sobre a ingleza, embora haja muitas opiniões em contrario.

A França manda construir os seus navios nos arsenaes francezes, e não lhe regateia o custo quando trata de aperfeiçoar, nós mandamos construir os poucos que temos na Inglaterra para o que são commissionados officiaes portuguezes, alguns dos quaes parecem ter mais predilecção por aquelle paiz que pela sua patria (não sabemos se será por affinidade) o que porem sabemos é que a maior parte das construcções vindas d'ali são para deixar a desejar muito, e a nação é que sente os prejuizos.

Infelizmente para que seja construida uma machina para qualquer navio no nosso arsenal é preciso que se forme uma commissão de operarios, pedindo-o!

Simplesmente espantoso, porém é um facto contemporaneo. E dizem depois que o nosso operario não está apto! E como o pode estar, desde o momento em que mesmo uma machina é preciso ser construida em Inglaterra. O que faria então se se tratasse d'um couraçado embora fosse pequeno!

Isto para um paiz essencialmente colonial como o nosso, admira, e dizemos simplesmente admira, porque nos reservamos para quando mais de espaço tratarmos da nossa marinha, então fazer commentarios que julgamos justos.

(Continua.)

Grumete.

O CASTELLO DE GUIMARÃES

II

Devolvidos mais quarenta e seis annos, foram novamente postos a provas o valor e lealdade dos filhos de Guimarães.

Estreiára-se el-rei D. Fernando no governo do reino, lançando a nação nos azares de uma guerra com Castella.

D. Pedro I, cognominado o Crú, rei de Castella, fôra assassinado por seu irmão natural, D. Henrique de Trastamara, que em seguida se apossou do throno vago, fazendo-se acclamar rei de Castella e Leão com o nome de Henrique II.

Um grande numero de fidalgos e prelados castelhanos, indignados contra o fratricida, e negando-se a acceital-o por soberano, vieram offerecer aquella corôa a el-rei D. Fernando de Portugal, promettendo ajudal-o n'esta empreza com todo o seu esforço. Joven, inexperiente e ambicioso, e tambem incitado pelo desejo de vingar a morte de el-rei D. Pedro, seu primo co-irmão, D. Fernando I acceitou a offerta, e em breve, á frente dos seus soldados, transpoz as fronteiras da Galliza, onde varias cidades o acclamaram por seu legitimo soberano.

Foi no proseguimento d'esta guerra, de que resultou para o nosso paiz penosos sacrificios e assolações, sem compensação alguma, que el-rei D. Henrique II, depois de percorrer a Galliza, que levantára voz contra elle, invadiu o Minho e veiu pôr cêrco, primeiro a Braga, e em seguida a Guimarães.

Accommetteu el-rei D. Henrique ora os muros da villa, ora o castello, dando-lhes repetidos e vigorosos assaltos, mas sempre baldadamente, porque os sitiados, a cuja frente se achava Gonçalo Paes de Meira, intrepido fidalgo das cercanias de Guimarães, repelliram os ataques com estremado valor.

Perdida a esperança de vencer pelo esforço dos seus soldados, intentou el-rei de Castella obter a victoria por traição. Para este fim introduziu-se na villa, em uma noite, disfarçado em camponez, Diogo Gonçalves de Castro, tendo concertado com o monarcha de Castella lançar fogo á villa em quatro partes differentes, para que fôsse acommettida e tomada durante a confusão produzida pelo incendio. A traição, porém, foi descoberta e o traidor morreu ás mãos do povo.

O mallogro d'esta tentativa, após das successivas derrotas, fez com que D. Henrique II levantasse o cêrco e tomasse a direcção de Coimbra, ao encontro de el-rei D. Fernando.

(Continua.)

I. de Vilhena Barboza.

GARIBALDI

(Continuado do n.º 387)

É memoravel e digna da consagração de um poema, a retirada de Garibaldi por entre quatro exercitos inimigos.

Na vanguarda iam seus dois filhos e a intrepida Annita, que o quizera acompanhar, não obstante estar n'um estado muito adiantado de gravidez.

Os perigos, as fadigas e a fome começam aterrorisando os soldados, e as diserções multiplicam-se com o succeder dos dias.

Perto de Sienne o commandante de um dos seus esquadrões, enviando em reconhecimento, vende aos austriacos os cavallos e foge para a America.

Em Chiosi um dos seus destacamentos cae n'uma embuscada, e os soldados têem que soffrer os mais humilhantes e barbaros tractos do inimigo.

Em Arezzo a fortuna parece ser mais propicia ao illustre caudilho; procurando entrar na cidade é no caminho alvo do enthusiasmo das pequenas povoações, e a tal ponto, que os austriacos que o iam perseguindo retrocedem; mas chegado ás portas da cidade é-lhe negada a entrada pelo partido ducal, e, nem sequer encontra quem lhe venda as munições para obstecer por mais alguns dias o exercito que o segue.

Desde este dia as deserções não se contaram só entre os soldados, mas tambem entre os officiaes superiores das legiões, o coronel da cavallaria, os majores das cohortes, os chefes das centurias.

Exhaurido de recursos, ouvindo por toda a parte formularem-se contra si queixas que o desprestigiavam, vendo que não podia conseguir manter pela disciplina a soldadesca desmoralisada, Garibaldi chegou a S. Marinho e ahi em ordem do dia 31 de julho de 1849, desligou todos que o acompanhavam do dever da obediencia, desde o soldado até ao mais graduado.

Garibaldi só se demorou algumas horas em S. Marinho e na mesma noite de 31, saiu d'ali incognito apenas com 200 homens de sua mais completa confiança.

Chegou no dia seguinte a Cesanatico d'onde seguiu para Veneza, a unica cidade onde ainda fluctuava o estandarte da independencia, porém tendo já á vista a rainha do Adriatico, a flotilha que organisára é observada pela divisão austriaca que lhe dá caça aprisionando-lhe alguns barcos com gente.

Os expedicionarios que conseguem saltar em terra fogem pelos campos onde são perseguidos como animaes ferozes; e alguns personagens mais notaveis da guerra da Independencia italiana vão encontrar a morte a poucos passos dos muros de Veneza, onde os seus cadaveres ficam mutilados e insepultos.

Escapara Garibaldi, seus dois filhos, Annita e um official, que era em extremo dedicado ao seu chefe e que lhe ajudava a transportar as creanças quando a fadiga as prostrava de cançasso.

Depois de um curto repouso n'uma casa de pescadores dirigem-se a Ravenna debaixo de cauteloso disfarce. Para ahi chegarem erraram pelos bosques, sempre fugindo aos austriacos que os procuravam para os matar.

Tres dias decorreram no meio dos maiores sobresaltos e anciedades para os desgraçados foragidos. Felizmente a gente do campo condoida de tão desolada sorte dava-lhes abrigo durante a noite.

Annita era transportada ao collo por não poder já caminhar, mas ao cabo do terceiro dia o seu estado de saude alterou-se por tal forma, que nem d'essa maneira poude continuar a jornada.

Garibaldi vae a uma herdade visinha em procura de soccorros e já consegue arranjar uma carroagem de posta, voltando a buscar a mulher, os filhos e o amigo que elle a todo o transe quer conduzir a Ravenna.

Pouco mais de um kilometro teriam andado quando um desmaio de Annita os obriga de novo a parar.

E ainda n'uma pobre cabana de pastores que Garibaldi encontra a mais franca e leal hospitalidade, porem quando elle mesmo descançava sobre o leito o corpo da mulher que tanto o amara notou que as faces estavam contrahidas, os braços hirtos e o coração paralysado. Annita estava morta. Essa que partilhára com seu marido todos os perigos quer na America, quer na Italia, acabara de desprender-se das cadeis da vida e fugira a descançar na eternidade.

Alta noite Garibaldi e o seu companheiro foram abrir uma cova no campo onde depositaram os restos preciosos d'essa mulher extraordinaria, e depois para não comprometterem os generosos camponezes que os haviam recolhido, continuaram a jornada n'essa mesma noite.

Em Ravenna Garibaldi separou-se do seu amigo e partiu só com os filhos para Toscana, conseguindo chegar salvo ao golfo de Genova.

(Continúa.)

Julio Rocha.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XVII

O jantar correu todo no meio de grande galhofa de que era motivo e alvo o Quim Barradas dentro da encadernação rica do caseiro Mathias, e o

Visconde, o dono da casa não cohibiu com a sua auctoridade a troça das meninas porque era tambem um dos primeiros a molhar de vez em quando a sua sopa.

O Quim é que não achava muita graça á coisa e ia-lhe já parecendo de mais aquella *montaria*.

Entretanto fazia das tripas coração e ria com um risinho, que um pouco amarello no principio do jantar, ao assado estava já côr de cidra.

Demais a mais da molhadella de ind'agora ficara-lhe um defluxo que começava a desentranhar-se em espirros, que mais faziam rir ainda as meninas Friões.

E quanto mais ellas riam elle mais esforços fazia para não espirrar, e quantos mais esforços fazia para não espirrar mais espirrava, e quanto mais espirrava mais caretas fazia, e quantas mais caretas fazia mais as meninas se riam.

Era um circulo vicioso d'onde não havia facil sahida.

Não querendo dar sorte, não se querendo mostrar amuado, o Quim para disfarçar o seu mau humor resolveu entrar valentemente pelas comidas, com mais valentia do que aquella que lhe era habitual e que lhe tinha valido a reputação de bom garfo, e o jantar, que era d'uma abundancia provinciana, começou a caminhar quasi todo para o estomago do Quim Barradas, com uma rapidez vertiginosa.

Mas o Quim não estava nos seus dias de sorte, decididamente.

O acrostico tinha-lhe valido uma scena desagradavel com o Visconde, o jogo da cabra cega uma scena não mais agradavel com o canno da mina, e o jantar valeu-lhe uma indegestão formidavel, que rebentou logo uma hora depois da sobremeza com uma rapidez desusada.

E emquanto os outros se divertiam, riam e brincavam na quinta pela fresca e á noite dansavam no ar livre e assistiam ao fogo d'artificio, o pobre Quim rebolava-se com ancias no quarto do padre Bernardino, tomando papelinhos de *Soda Water* e chavenas de chá de Macella.

Depois do fogo, ás 11 horas da noite, o Visconde vendo que o Quim não melhorava tratou logo de o pôr com dono.

—Nada, disse elle á Viscondessa, sua consorte, se elle nos adoece para ahi seriamente, nós é que temos de nos aguentar com elle, de pagar ao medico, de pagar a botica, e por isso é vêr se o resolves a ir para casa.

—Mas como?... Tinha-se combinado elle e a irmã ficarem cá até ámanhã e só irem para baixo comnosco, quando nos fossemos?

—Pois sim, mas isso é que não póde ser. O rapaz está com uma indigestão fortissima e a indigestão é a mãe e o pae de todas as doenças.

—Lá isso é, mas se se lhe vae dizer isso o rapaz fica todo aterrado.

—Deixal-o aterrar, antes elle se aterre e se trate... lá em sua casa, do que nós ficarmos aqui com elle de perninha, a ter um encommodo e um despezão sem necessidade nenhuma.

—Isso tudo é muito bom, mas eu é que não tenho cara de dizer ao rapaz «está doente e por isso va-se embora».

—Pois digo-lh'o eu que não tenho papas na lingua, graças a Deus. Demais a mais o conselheiro Mimoso vae para baixo á meia noite póde leval-o no trem.

E o Visconde muito resoluto muito senhor de si dirigiu-se ao quarto do padre Bernardido para intimar á sua visita enferma a terminante ordem de despejo.

Quando lá chegou encontrou á porta o Quim que, melhorsinho, vinha a sahir cá para fóra.

—Olá! então isso vae melhor? perguntou-lhe o Visconde.

—Melhor, muito obrigado, agora já estou mais aliviadinho.

—Mas está com má cara, está verde. Que má côr que o senhor tem!

—Não admira nada! Se lhe parece, a trabosana que eu tive.

—Olhe o que o senhor precisava agora era de descanço.

—Sim senhor, e d'aqui a pedaço se V.ª Ex.ª me der licença vou me metter na cama.

—Ora essa! dou-lhe licença e faço-lhe mais ainda!

—Mais? perguntou o Quim admirado sem perceber que mais lhe poderia fazer o Visconde além de lhe premittir o ir deitar-se.

—Sim senhor! dou-lhe até licença e transporte para ir deitar-se para sua casa.

—Não é preciso sr. Visconde, eu estou muito melhor, não é preciso estar com esses incommodos.

—Não me incommoda, nada o sr. e a sua mana vão para Lisboa com o conselheiro Mimoso, elle tem ahi o trem.

—Não é preciso, insistiu o Quim.

—Não senhor: ha de ir. Quem está doente precisa estar em casa, e não consinto que por um requinte de amabilidade o sr. se contrafaça e se sacrifique por nossa causa...

—Não me sacrifico...

—Sacrifica, sacrifica, não consinto de fórma alguma, teimou o Visconde.

E agarrando-se com unhas e dentes a esta insistencia, dando uns ares de abnegação heroica ao pôr com dono o seu hospede, apesar de todos os protestos do Quim em estar muito melhor e não precisar de ir para casa, de todo o mau humor da Emilinhas em deixar a festa e ir metter-se nas Olarias, de toda a má vontade do conselheiro em levar no trem para Lisboa o Quim e a irmã, o que o obrigaria a ir incommodado, no banquinho da frente do coupé, o Visconde teimou, tornou a teimar, cabeçudo como um jumento e não houve forças humanas, que o obrigassem a desistir de mandar o Quim e a Emilinhas para Lisboa, aparentando, alardeando, um gande interesse por elle e pela sua doença.

E só descançou quando os viu pela porta fóra, no coupé do conselheiro Mimoso.

XVIII

O conselheiro apenas chegou ás portas da cidade deu ordem ao cocheiro que fosse primeiro deixal-o em sua casa.

Esta idea economica occorrera-lhe ao espirito desde a Porcalhota até Palhavã, onde a estrada estava muito má e o pobre conselheiro andava aos trambulhões em cima do duro e estreito banquinho de pau, emquanto o Quim resonava, como um cevado, muito bem repimpado no melhor logar da carruagem e a Emilinhas passava pelo somno regaladamente.

E o conselheiro todo contuso não podendo levar á paciencia, que elle, o dono, o pagador do trem, fosse ali tão incommodado, tão dorido, emquanto que os outros, os dois intrusos que não davam para ali um real iam tão commodamente repimpados, teve uma idea macheavelica.

—Nada! em chegando a Lisboa dou ordem ao cocheiro que me ponha primeiro em casa; depois apeio-me, mando-os levar a casa, e elles lá que lhe paguem a grogeta: assim ao menos sempre poupo os meus doze vintens.

E assim foi.

O trem parou á porta do conselheiro, o conselheiro sahiu muito rapido despedindo-se dos seus companheiros de viagem, e metteu-se em casa sem ter dado nada mais ao cocheiro senão a ordem de levar os dois passageiros á rua das Olarias.

Quando alli chegou, o Quim e a Emilinhas apeiaram-se e iam a metter-se em casa pelo mesmo systema do conselheiro Mimoso.

Mas o cocheiro não esteve pelos ajustes e pediu a gorgeta.

O Quim muito tesemunhado, recalcitrou e não queria dar nada.

O cocheiro insistiu.

A Emilinhas veio em reforço ao irmão descompondo o cocheiro.

O cocheiro então poz a celha no chão e principiou a descompor os freguezes.

Dize tu, direi eu, a discussão ia-se azedando, ia tomando uns feitios de Ribeira Nova que áquellas horas, n'aquella rua solitaria começava a fazer apparecer pelas janellas a visinhança alvoroçada.

Para evitar um escandalo, e para evitar tambem que o cocheiro passasse a argumentos mais convincentes, pois pegava já no chicote com ares ameaçadores, o Quim esportulou doze vintens e subiu muito zangado para o seu segundo andar.

A criada que não os esperava aquella hora e dormia a somno solto levou seu tempo a accordar.

Por fim lá accordou e lá abriu a porta depois do Quim e da Emilinhas terem quasi deitado a campainha abaixo.

Entraram descompozeram a criada e cada um foi para o seu quarto.

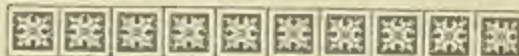
O Quim despiu-se n'um abrir e fechar d'olhos, metteu-se na cama.

Quando porém ia a pegar no somno, uma violenta campainhada na porta obrigou o a sentar-se na cama sobresaltado.

A criada e a Emilinhas já ferradas no somno não ouviram.

A campainhada repetiu-se.

O Quim gritou pela irmã, gritou pela criada, e como nenhuma d'ellas ouvisse e como a campainha não se calasse, levantou-se e foi fulo, e em camisa, ver quem batia aquella hora da noite.

Gervasio Lobato.

REVISTA POLITICA

Estamos em pleno periodo eleitoral, pelo menos d'isto nos convencemos ao lêrmos a imprensa politica, que diariamente enche as columnas dos seus jornaes com artigos e noticias sobre as eleições, contando já varios episodios divertidos que se vão succedendo por esse paiz fóra, e que são certamente o prologo da grande comedia que deve subir á scena lá para o dia 20 do corrente.

A reeleição da maior parte da camara transacta, tira uma grande parte de interesse a estas eleições, limitando as discussões só aos circulos onde se propoem novos candidatos, havendo então n'estes circulos mais fartura de pertendentes do que costuma haver a qualquer logar de amanuense de secretaria do estado, guardadas as devidas proporções.

N'um circulo, por exemplo, diz-se que a eleição se desputa entre quatro candidatos, e quereis saber leitor quaes são esses quatro salvadores da patria a cem mil reis por mez? — São quatro padres, mais dos que são precisos para encommendar um defunto, mas que ainda assim não são bastantes para salvar a patria, pois ainda ha mais por outros circulos, o que promete na proxima legislatura vêrmos a sala do parlamento voltar aos antigos tempos do convento que ali foi, com sua casa de capitulo.

Pelo menos das galerias deve fazer esse effeito ao dar-se com os olhos em tantas cabeças coroadas pelos barbeiros a navalha de barba.

E para cumulo de epigramma este circulo tão abundante em clerigos, como provavelmente em analphabetos, é o da Penacova *pé na cova* com licença do nosso amigo Mendonça e Costa.

É preciso que o governo seja muito forte de espirito para não ter enguiço com esta pojança progressista que lhe vem de Penacova.

Mas se, como iamos dizendo a reeleição tirou grande parte de enteresse á lucta eleitoral, parece que nos circulos plurinominaes haverá campanha, porque o governo desputa alguns d'estes circulos, querendo afastar do parlamento alguns deputados que lhe são extremamente hostis.

Aponta-se d'esde já o sr. João Arroyo deputado pelo Porto, como um dos que o governo não lhe convem venha á camara, e n'este sentido ferve a intriga, promettendo coisas do arco da velha para guerrear a sua eleição.

Não nos fazemos echo das mil versões que correm a este respeito, porque não sabemos qual a verdadeira, mas unicamente mencionamos o facto por ser um dos que mais se discute n'este momento na politica.

Outro facto que tambem está fazendo impressão é a desistencia do sr. Dr. Antonio Candido, de ir á camara.

Esta isenção do illustre orador progressista é altamente significativa, mostrando claramente o desacordo em que se acha com o governo, desacordo que já vem de mais longe, mas que d'este modo se affirma positivamente.

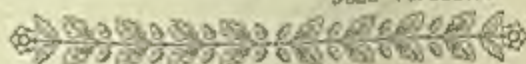
Mais alguns deputados progressistas da ultima legislatura, se diz tambem que não serão propostos d'esta vez, para não perturbarem com a sua consciencia e indocilidade obdiente a marcha das discussões parlamentares.

São as proprias folhas governamentaes que o dizem e tanto basta para que o acreditemos.

E se por fim o leitor nos perguntar para que serve a camara, se o povo elege os deputados que o governo quer e se os deputados que o governo quer hão-de fazer o que elle quizer, nós só lhe podemos responder com as formalidades a que tudo se acha reduzido, formalidades que nos custam muito dinheiro e que tão pouco nos aproveitam.

Mas para que não seja só o governo o descontente com os seus deputados, os republicanos tambem não estão nada satisfeitos com os representantes do seu partido, que levaram á camara na ultima legislatura, e assim tratam de escolher novos Argos que mantenham corajosamente a sua campanha hostil contra as instituições vingentes.

Para isto indigeta-se já que um d'esses Argos seja o sr. Latino Coelho, e francamente para campanha não podem escolher melhor. Superior ao espirito aguerrido do illustre coronel de engenheiros, só o estylo brilhante da sua rethorica.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Fallecimento — Morreu no dia 25 do mez findo o coronel commandante do regimento de caça-

dores n.º 5, sr. Joaquim José Graça, um dos militares mais prestantes do exercito portuguez, que não obstante a paz que o paiz atravessa ha quarenta annos, lhe prestou relevantes serviços nas varias commissões de que foi encarregado.

Nasceu em 26 de outubro de 1823 e sentou praça em 1840. Durante a sua carreira militar desempenhou entre outras commissões a de governador em varias possessões da nossa Africa e em Macau, desempenhando tambem as funcções de embaixador de Portugal na China.

Commandou o regimento de infanteria do ultramar e desde 1887 que era commandante do regimento de caçadores n.º 5.

De todas estas commissões se desempenhou sempre com destincção dando provas da sua intelligencia e muito saber.

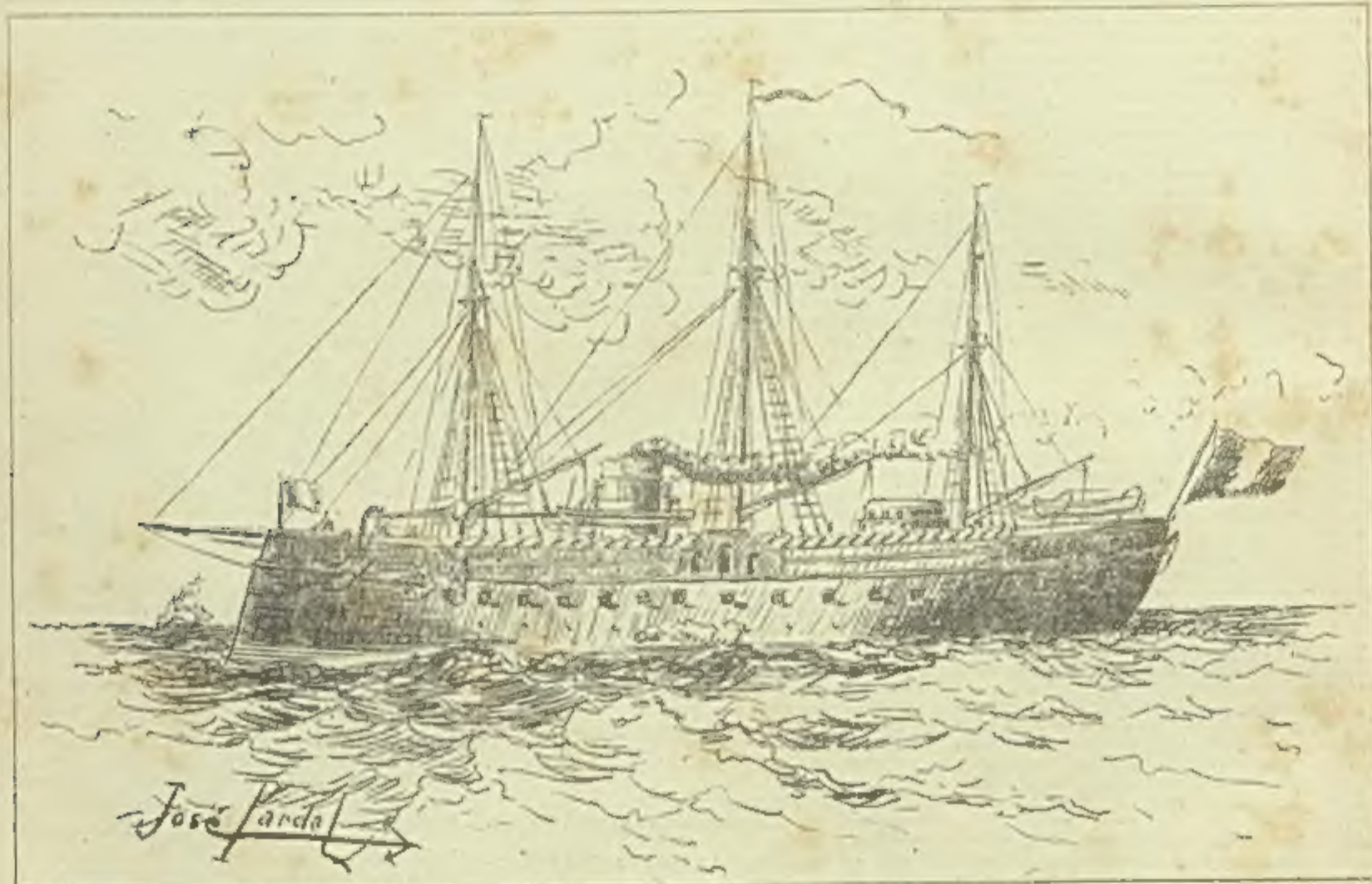
O illustre militar tinha a carta de conselho e sua companhia sua filha Josephina, quando um rapaz saltou subitamente ao estribo da carruagem e o aggrediu com uma pedra, dando-lhe forte pancada na cabeça, produzindo-lhe um ferimento d'onde o sangue borbotou abundantemente. O sr. Crispi só teve tempo para gritar que prendessem o aggressor, emquanto sua filha desmaiava a seu lado.

Immediatamente saltou da almofada o trintanario, um toscano vigoroso, que prendeu sem resistencia o aggressor, o qual declarou ser levado áquelle excesso pelo desespero de não ter em que ganhar a vida.

Parece que o criminoso não passa de um louco, e que este attentado não se prende com a politica, aliaz pouco popular que o sr. Crispi está seguindo no seu paiz.

O ferimento produzido não é felizmente de gravidade e o sr. Crispi já se acha restabelecido.

cray Duminy, versão portugueza de Guilherme Rodrigues. Bibliotheca do Recreio, João Romano Torres, editor. Lisboa. A edição feita agora d'este romance que fez as delicias de nossos paes, parecerá fóra do seu tempo, mas o que é certo é que a sua leitura ainda hoje nos prende e que d'isso teve uma prova real a empreza editora que acaba de o dar á estampa, na grande acceitação que *O Cego da Fonte de Santa Catharina* encontrou no publico. N'isto está o maior elogio da obra, além da edição ser nitidamente feita e illustrada com gravuras por Caetano Alberto.

Jornal da Pharmacia e Chimica, *publicação mensal*. Redactor F. J. Rosa. Lisboa, n.º 32 do 3. anno agosto de 1889. Excellente publicação no seu genero, que recommendamos aos interessados em assumptos de pharmacia.

A FRAGATA FRANCEZA COURAÇADA «GLOIRE», PRIMEIRO COURAÇADO QUE SE CONSTRUIU

Vid. artigo «Apontamentos sobre a marinha de guerra dos diversos paizes», etc.

era condecorado com varias ordens militares.

A sua illustre familia enviamos os nossos pezames.

Monstro Marinho.—Appareceu ha dias em Cascaes em uma armação de pesca um monstro marinho, completamente desconhecido dos pescadores.

E de fórma elyptica medindo 4m,5 de largo por 3m de comprido, com duas largas azas de 1m,5. A bocca mede 0m,80. Tem dez aberturas sobre o torax e a cauda é ponteaguda e resistente. Os olhos distanciam-se 1m um do outro e as orelhas do comprimento de 0m,50, parecem-se muito na fórma com as d'um cavallo. Pesou 525 kilogrammas e viveu muito tempo fóra d'agua, sendo preciso matal-o á paulada e a machado.

Este monstro foi remettido para a Escola Polytechnica, por ordem do sr. Infante D. Affonso, afim de ser embalsamado. Na dissecação a que se procedeu, encontraram-se-lhe dois enormes estomagos cheios de pequenos peixes.

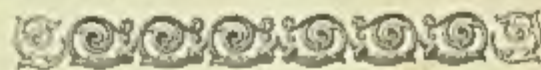
Attentado—Crispi, o chefe do actual gabinete italiano, ia sendo victima de um attentado contra a sua vida, em Napoles. No dia 13 do mez passado o sr. Crispi sahiu de tarde a passeio de carruagem pelas margens do Chioja, levando em

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Revista archeologica. *Estudos e notas*, publicados sob a direcção de A. C. Borges de Figueiredo. bibliothecario da Sociedade de Geographia de Lisboa, etc. Lisboa. Vol. III, n.º 8. agosto de 1889. O summario d'este numero é o seguinte: Cavallo de bronze da epoca romana, por Figueiredo; Inscripções de synagogas dos judeus portuguezes, por E. Pereira; Inscripções latinas do Algarve, por Figueiredo; Bibliographia.

Utopias e Realidades, por B. Martins, com uma carta de Francisco Gomes de Amorim. Porto, 1889. Um volume de pequenos contos, que é uma estreia auspiciosa para o seu auctor, pelo que o felicitamos.

O Cego da Fonte de Santa Catharina, por Du-

Adolpho, Modesto & C.ª—IMPRESSORES
25 a 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 a 43